

Voto de Pesar n.º 5/XIII  
pela morte de José Vilhena

José Vilhena foi o autor incontornável de três ou quatro décadas do humor em Portugal. A sua obra, na tradição de Gil Vicente, Bocage ou Bordalo Pinheiro, é uma crónica dos tempos.

Vilhena, como sempre foi conhecido, terá sido dos poucos artistas em Portugal que dominou e incluiu na sua obra a arte da escrita, do desenho, da ilustração, das fotomontagens nos seus primórdios, da fotografia, da revista à portuguesa e até uma breve incursão pelo cinema. Umhas vezes, a maior parte, seguindo o caminho do humorismo escrito e ilustrado, outras, poucas, o da pintura.

Cofundador d' O Mundo Ri em 1955, inicia um percurso individual no início de 60 com uma série de livros de bolso humorísticos, que escrevia, ilustrava, editava e distribuía pelo país inteiro, quase sempre pelas tabacarias. Fazem parte da coleção mais de 70 livros, 56 da sua autoria. Com alguns desses livros censurados e apreendidos pela ditadura de Salazar, é preso três vezes pela PIDE e várias vezes chamado a responder aquando da saída dos livros, que muitas vezes eram vendidos por baixo do balcão, às escondidas. Foi também o responsável pela introdução de autores estrangeiros como Alphonse Allais, Alvaro de Laiglesia, Guy de Maupassant, Goscinny, Gogol, que editou dentro da sua coleção da editora Branco e Negro.

Vinte um dias depois da Revolução de 1974 saía a revista quinzenal 'Gaiola Aberta' que marcou durante os primeiros anos da democracia as publicações humorísticas em Portugal. Utilizando vários meios ao seu alcance, como a escrita, o desenho, a pintura, as fotomontagens, a fotografia, etc, Vilhena lança a 'Gaiola' à semelhança de outras publicações humorísticas que existiam no estrangeiro, tal como El Jueves em Espanha, Le Cannard Enchaîné, em França, ou o Mad nos USA. Com a devida distância, obviamente, não por causa da qualidade, mas pelos meios ao dispor de cada uma dessas publicações porque Vilhena, era o homem dos sete ofícios.

José Vilhena, faleceu no passado dia 3 de Outubro, um dia antes das eleições para esta Assembleia. A ele, como a outros autores que fazem do humor uma arte, devemos o apuramento do olhar crítico sobre o mundo que nos rodeia, momentos de riso ou reflexão sobre a condição que nos calhou, a sociedade em que vivemos, os preconceitos que nos tolhem, as angustias e os fantasmas que nos assombram. O riso, como escreveu Eça sempre foi "a mais antiga e mais terrível forma de crítica".

Assim, a Assembleia da República presta homenagem a este artista e humorista o profundo pesar pelo seu falecimento bem como endereça à sua família as mais sentidas condolências.

13 de Novembro de 2015

Os Deputados